

ESTE ARAGUAIA

Autor: Valdemiro Mendonça

Conto: ficção

Cheguei em Goiânia as vinte e três e trinta horas peguei a mala, e com meu violão às costas, meu chapéu preto, dei uma olhada no povo que estava por ali, tentando identificar meu amigo engenheiro Elói, que não via há algum tempo e que combinamos de viajar juntos para Aruana, Ele me gritou, Leão, meu nome de guerra no trecho, todos com quem trabalhei abaixo e acima de mim me conheciam como Leão.

Trocamos um abraço pra matar a saudade de quase dez anos sem nos vermos, ele já começou me xingando dizendo que eu estava forte e podia voltar a trabalhar, a ideia até me atraiu, nestes dias eu estou pensando seriamente em voltar para o trecho, mas meus filhos não querem nem que eu fale nisto, mesmo assim foi o tema da nossa conversa depois que pegamos seu carro no estacionamento e ele dirigiu até o bairro que mora.

Sua nova esposa Ana ainda não me conhecia, e estava às voltas com o bebê de um ano, mas me recebeu se apresentando e gentilmente me dizendo para ficar a vontade e que logo que o bebê dormisse conversariamos um pouco. Marisa irmã de Elói que ia fazer companhia para Ana enquanto estivéssemos fora me recebeu cordialmente, já nos conhecíamos dos tempos que eu era rico... É! Quem trabalha é rico com certeza, a fama de garanhão e andarilho acabou fazendo no passado rolar um tilde entre nós, mas era um segredo guardado a sete chaves, mesmo não tendo significado nada mais do que um Love sem Love.

Marisa perguntou se eu ainda tocava violão e farreava como antes, desconversei dizendo que agora eu assumira de vez meu caipirismo, toco viola e só para mim, pois, só faço barulho. Ela perguntou de novo, mas cadê o violão, vocês vão acampar sem o violão? Respondi que deixara no carro, o

Elói entrou na conversa, - eu falei para você trazer pra cá, - há não: eu quero ver você tocar falou Mariza e pegando as chaves do carro disse vou buscar, Elói falou: deixem que eu busque, pensei sem falar: ai, ai, agora ferrou.

Mariza abriu uma cerveja e encheu quatro copos e ficamos esperando Eloi retornar, não demorou e veio com o violão e a viola dizendo: - sem desculpas compadre Leão, falei a guisa de contrapor gente eu realmente faz tempo que não toco violão, quando trabalhava eu ainda brincava bem, pois, tocava todo dia, mas agora não vai sair nada. Mariza pediu para eu cantar uma das músicas antigas de quando enchíamos a cara nos churrascos intermináveis nas obras. Dedilhei o violão corrigi a afinação e cantei “Deusa da minha rua” que foi gravada por vários cantores e que era parte do meu repertório nas farras. Depois peguei a viola e ponteei algumas modas sem cantar, querendo ir dormir.

Quem disse que Mariza deixou, ficara o tempo todo me filmando com o celular, pediu para eu cantar mais uma antiga, na hora me veio no pensamento minha tristeza dos últimos dias, e fiquei um pouco com raiva, não de ninguém, mas de mim mesmo por procurar viver algo que eu não tive capacidade de administrar. Quase que automaticamente veio a lembrança de uma música de Palmeira e Biá, servia como a revolta que eu pensava estar sentindo e que não deveria me entregar, cantei e a danadinha fez o vídeo até coloquei no meu paga mico. “Músicas no recanto”.

Disse que estava cansado e ela foi ao computador a pedido de Eloi gravar um CD com o que eu tinha tocado, que era para ouvirmos no caminho. Ri do que falou e disse: - eu lá quero me ouvir, Deus me livre, não tem música melhor no seu carro? Ele respondeu: - melhor do que o autêntico Leão de jeito nenhum, aí foi que eu ri mesmo, sei muito bem das minhas limitações, aliás, quantas limitações, pra me ouvir só mesmo tomando cerveja e fazendo farras. Daí a pouco a Mariza voltou com duas cópias, uma para mim com dedicatória e tudo, ri e eu lhe disse: - não se esquece de nada em dona Mariza? Ela respondeu: - vou fazer um vídeo bem arrumadinho para mim e lhe mandar uma cópia: - tá legal eu respondi, vou esperar.

Foi agradável a conversa embora já fosse uma da manhã e como viajaríamos cedo, fomos dormir. Era no nono andar o grande apartamento e bem silencioso, tudo para o velho senhor Leão dormir sossegado, mas os pensamentos não deixaram, cismou de passear por lugares que eu conhecera recentemente e que era a razão desta viagem e desta vontade súbita de voltar ao mundo de liberdade que é o trecho, uma vez peão de trecho sempre peão de trecho, lema dos que como eu: viveram esta vida de andarilho do mundo.

Creio que dormi umas duas horas se tanto, o relógio despertou e sem opção já pulei da cama, quatro horas da manhã Tomamos café de uma garrafa

térmica e nos despedimos da sua esposa, Mariza não apareceu sempre fora boa de cama, ri e Eloí me perguntou, - está rindo de que Leão? – Tive de responder despistando que estava rindo, pois, nem estava pensando em viajar este ano mais e de repente estava eu ali já metido em aventura. Ana me falou ao despedir-se de mim, tome conta do meu homem seu Leão, respondi sério, deixe comigo, se ele fizer bobagem eu puxo as orelhas dele.

Descemos no elevador até a garagem e pegamos a estrada esburacada que seguiríamos, Elói me cobrou: - porra Leão você não sabe como a Ana é desconfiada, na hora que você riu eu pensei que ela já ia falar alguma coisa, respondi você é um sacana cara, com uma mulher bonita nova e já vai aprontar? Ele falou de volta: - parece que nem foi casado Leão, eu estava até num boa, mas ela engravidou e aí meu chapa, ferrou com as dez e eu tive que apelar para a secretária da empresa e a coisa pegou... Fez uma pausa acho que recordando a proeza e continuou: - como ela está de férias e você ligou na hora certa eu arrei com ela.

Se Ana descobre você esta ferrado compadre, ele riu e disse: - Eu tive o melhor professor. Imaginei que ele se referia mais ao fato de ter feito estágio comigo e depois recomendei que fosse contratado pela empresa para a qual eu trabalhava, ele ainda ficou três meses no meu departamento até sair obra para ele, depois que se firmou de vez em quando ele patrocinava uma viagem paga para mim com a desculpa de eu olhar obras dele, mentira era só pra gente cair na farra com a mulherada, tudo pago pelos cofres do patrão.

Aproveitei para lhe dizer: Tá na hora de tomar juízo caboclo com cinquenta anos e ainda em período de autoafirmação? – Ele gritou na hora: - êpa cinquenta não! Quarenta e nove e não tenho de provar nada pra ninguém, ou o Leão não me ensinou direito? Vai ver que não, tá quieto em casa parecendo que já morreu. Morrer não, mas aposentei em dois mil e cinco, - como dois mil e cinco? – Estou falando que me aposentei das maravilhosas meu compadre, foram meus últimos xodós com elas... O sacana cantou: - O leão não é mais aquele. Se eu contar ninguém vai acreditar, Leão o pegador terror das periquitas, um cara forte que nem você com sua experiência esperando a morte dentro de casa. Respondi: cara, eu estou velho meu chapa: - que velho, minha irmã ainda comentou com a Ana que pensava que você estava velho, mas ainda tá um gato e o pior é que Ana concordou, vê se pode? Eu respondi: claro, gato de armazém, só dorme em cima do saco. Ele disse: - quem não te conhece é que te compra Leão... Espere aí: você não comeu a minha Irmã não é? – Desta vez? Claro que não sô, ta doido? - Olha lá em seu Leão, fez um muxoxo com a língua e rematou: também se comeu ela deu o que é dela foda-se ela e você. Aí não deu mais, caímos na gargalhada.

Rodamos os trezentos quilômetros na tal estrada e chegamos ao posto na entrada de Aruana onde o encarregado do camping ficou de me esperar, ele estava lá e foi fácil reconhecê-lo. Um homem louro, baixo e atarracado sem ser gordo com o cabelo batendo nos ombros, chapéu velho de vaqueiro desabado para um lado, como estava encostado numa caminhonete Ford azul que fora a dica que ele dera para o reconhecimento. Nem tive dúvidas ao perguntar – é o senhor Joel? Ele respondeu afirmativamente e se apresentou sorridente e fazendo piadas sobre sua própria figura, claro, o único e autêntico Joel destas bandas, se conhecer outro me fale que mato logo para não ter concorrente.

Na hora me veio no pensamento à figurinha da menina Edvana... Grande escritora e poetisa Superbrincalhona e divertida, escreve contos de terror e mata... Só quem já estava morto, na mesma hora que está apaixonada mata o namorado que já estava morto e vai transar com a dona morte que é a sua amante mais amiga. Garota de ouro e não me chama de vô, diz que eu ainda dou um caldo, só que quando ela fala assim eu já penso que ela quer é me cozinhar, é um doce de menina, mas sempre anda com uma faca para matar algum morto que ela encontrar... Sabe-se lá se ela resolve matar vivos.

Seu Joel perguntou se eu tinha mala pra levar e eu voltei à realidade; respondi que sim e pensei: à aventura senhor Trovador. Eloi acabara de falar ao telefone para às duas mulheres, a última foi a Ana a quem disse que não poderia ligar lá do rio porque não tinha sinal de telefone e eram setenta quilômetros até Aruana... Pensei: que grande filho da puta é o Eloi. Tirei a mala e o violão e viola, mais os equipamentos de pesca e depois de acondicioná-los na caminhonete me despedi do meu amigo pegador, recomendando que: - meu voo será na terça às dezessete horas, ele teria de estar no posto meio dia. Ele disse: - fique tranquilo Leão, quando foi que furei com você? Eu respondi um monte de vezes sacana e desta vez se furar a Ana vai saber das suas escapadas e que em vez de pescar vai beijar na boca, ou melhor, vai chupar b... O sacana riu e se foi.

Arrancou a Corola, andou um vinte metros parou engatou uma marcha a ré veio que nem bala na minha direção, até estranhei, freou o carro a uns dez metros da caminhoneta, saiu com mão levantada e me apontando o dedo gritou: - Leão seu filho da puta, cachorro, bandido, miserável palhaço! – Perguntei: - ei cara que intimidade é esta com a minha mãe, já morreu há mais de trinta anos e você vai xingando a coitada assim? – Ele disse:- estou xingando é você seu sacana, - e que eu fiz porra? – falou que eu ia chupar chavasca... Lembrei-me lá dentro do carro, que antes de falar que não comi minha irmã, você perguntou: desta vez? Quer dizer que antes você comi minha irmã não é filho da puta. Agora você endoidou de vez Elói, eu falei

nada disto não. - vai me contar esta história direito cara, há vai! Tá tudo bem, se não me contar ela conta e se comeu vai ter de casar.

O sacana do Joel percebendo que era tudo brincadeira do sacana entrou na conversa sem ninguém chamar, - olhe se fez o mal feito tem de reparar, dou razão ao senhor doutor, deixe barato não. O Elói filho de uma égua riu e disse: - viu, tenho ou não razão? Vai casar! Eu disse: perdeu as estribeiras Elói, quem disse que eu seria doido de casar com psicóloga, a gente fala uma palavra e as pestes descobrem vinte coisas da gente na hora, to fora compadre, e fique caladinho senão Ana vai descobrir seus podres, é já que ela vai saber de uns resultados de pescaria... E não fique esperto pra você ver o que vai acontecer. Sua irmã se descobrir, você estará encrencado. Ele pôs a mão no queixo, pensou meio minuto e falou: - é está certo, melhor não mexer com aquela lá, mas ela não conta, será que conta? Não sei, a irmã e a mulher são suas, deve saber com quem está lidando. - Tá, eu vou indo, mas não vou esquecer esta história, vai ter de contar pro seu mano aqui, ou você acha que eu vou perder a chance de ter aquela lá na minha mão? Abraçou-me e disse: - se cuide meu amigo, seu Joel, tome conta deste aí que ele é meio doido. Seu Joel falou cheio de graça: - o que amansa doido é água gelada, pode deixar que eu cuide do seu Miro. Desta vez ele se foi mesmo.

Eu e seu Joel pegamos o asfalto, e seis quilômetros depois entramos numa estrada de terra onde rodamos trinta quilômetros até o córrego onde a ponte tinha sido destruída, ele se enfiou com a caminhoneta e atravessou com a água entrando pelas gretas da porta e comentou; Aqui só calunga blindada é que passa, parou do outro lado e ele abriu as portas, o aguaceiro saiu e eu pensei: imagine se não fosse blindada. Depois de mais quinze quilômetros chegamos ao Araguaia e ao modesto Camping, mas que parecia muito gostoso. Chegamos na hora do almoço e após as apresentações e levamos meus teréns para o quarto, fomos a ele. Comida de fogão a lenha, gostosa quente e variada. Com carne de peixe em moqueca, Surubim frito e carne de cateto assada, delícia.

Estava em casa. Trovador estava onde deveria ter vivido sua vida, cheiro de mato, rio grande com tudo de belo que se possa imaginar, é uma festa para quem nada tem o que fazer; Pássaros de todas as espécies, animais que surpreende, pela beleza e eu ali exatamente como imaginei.

Quando cheguei, pensei: ainda bem que posso bater fotos com o celular e que trouxe para isto, pois, aqui não tem sinal. Droga estava quase descarregado, sem problemas tem energia, é só carregar... Tem jeito não cadê o carregador? Trovador sua anta esqueceu o trem sô, não, deve de estar na capa do violão, está nada, ferrou: sem fotos... Quer saber? Dane-se, registro no pensamento. - Senhor Valdemiro, sim seu Joel - Tá gostando? Estou sim.

Vamos sair de barco pra pescar, está afim? – Claro vamos nesta, festa boa, peixes nem tanto, alguns piasus, piranhas, e eu peguei um grande com uma boca cheia de dentes, - que peixe é este seu Joel? - É cachorra seu Miro; A intimidade já estava boa, “seu Miro”! Cachorra eu conhecia por outro nome.

Retornamos quase na hora do jantar e eu peguei um litro de cachaça e coloquei na roda. Uma cachacinha dos três litros que levei, das Minas Gerais: *Rosa Mineira, só podia ser das Minas Gerais* e claro todo mundo quer... – Fique à vontade gente, sete aventureiros no Camping modesto, o fato da ponte que caiu e só passa camioneta, afastara os fregueses do local, pois, ter de passar dentro do riacho e só caminhoneta blindadas causou o êxodo dos frequentadores do local, para mim que quero solidão, beleza Solidão? Seu Joel o filho Moacir de dezoito anos, Neusa dezesseis e Leandro, “Leo” rapa do tacho como diz dona Lena, com a alegria da gente simples. Fui bem aceito por eles, o pequeno me chamou de tio... Melhor do que vô.

Além deles uma surpresa, uma mulher destas de fechar o comércio corpo escultural de uns quarenta anos, tudo nela parecia feito à mão. Sorriume com um sorriso cativante e me disse parecendo que ensaiara para dizer: Boa noite eu sou Marta, você chegou hoje? Que pena, chegou ao final do meu tempo, depois de amanhã eu já vou embora, mas seja muito bem vindo. Agradei e me apresentei, ela foi-se e eu fiquei alegre, como era legal ser recebido assim com tanto carinho por todos, coloquei na conta dos que gostam de aventuras em matos e rios. Somos assim os que gostamos do simples.

Tinha ainda um casal jovem que estavam em lua de mel, depois de três meses de casados, Elaine e Eduardo, os dois me cumprimentaram com simpatia, pensei apenas: *bom ser rico, lua de mel de três meses é bom demais*. Os três pescadores me cumprimentaram cheios de graça, simpáticos e folgazões, os tipos: bom vivam, que sabem levar a vida.

Aguardei por uma hora para fazer o quimo e depois me levantei e me despedi. Marta disse parecendo meio decepcionada, ela é quem mais conversou comigo após o jantar:- mas já vai dormir assim tão cedo, que foi não gostou de conversar comigo? Falou isto rindo graciosamente e eu me apressei em explicar o motivo, claro que gostei, é que dormi apenas duas horas na noite passada e já fiz muito exercícios por hoje, além da viagem naquela estrada horrível.

– Ela brincando disse que então eu estava perdoado, despedi de todos e o seu Joel me deu uma olhada meio esquisita e piscou um olho, entendi a situação que ele criara era uma alusão ao fato da mulher estar conversando comigo e quase soltei uma das minhas boas risadas caipiras, me contive e fui pegar a toalha e tomar um banho antes de ir para a cama.

O banho foi relaxante, escovei as canjicas e voltei ao quarto. Afastei o cobertor da cama, pois estava um tempo gostoso e poderia dormir como gosto no calor, dei uma olhada no quarto, o teto era forrado e o quarto bem pintado, simples, mas aconchegante, a porta não tinha gretas e tinha chaves, pensei numa molecagem, tranquei a porta, fiquei nu por completo, e me veio à figura da morena provocante, ri apaguei a luz e me deitei.

O pensamento voou um pouco e eu deixei, só um pouco, pois minha ida pra lá era exatamente para ordenar estes pensamentos, e precisava dormir. Pensei nela, o que estaria fazendo agora, certamente assistindo novela ou escrevendo lindos versos de amor no seu habitual romantismo vivendo entre o sonho e a realidade, com medo da vida e possivelmente rindo das minhas mazelas. Talvez por um destes caprichos do destino estivesse se lembrando de mim e quem sabe com todo este meu cansaço os meus pensamentos estivesse vagando no ar tentando encontrar esta conexão para mitigar minha dor? Não, coisas de amor não são resolvidas com esta facilidade, tem o sofrimento, a incompreensão, às perguntas sem respostas, e a dor que alfineta o coração e a alma da gente, dores que às vezes nem o tempo pode curar.

Trouxe meus pensamentos de volta e apelei para uma das minhas regras, existem tantos livros de autoajuda ditando regras para tudo na vida das pessoas e eu nunca as aceitei, se me considero inteligente, eu faço minhas regras, aceitar o que outro quer meter na minha cabeça é insultar esta inteligência. Tenho uma regrinha infalível para este caso, se quero dormir mesmo, eu começo a imaginar um céu estrelado, e deixo a mente se esvaziar até só restar o espaço escuro e vou seguindo neste escuro até avistar uma luz, esta luz vai aumentando até começar a se definir e depois eu a afasto até se tornar apenas um pontinho distante e recomeço a trazê-la de volta faço assim quantas vezes eu precisar, é tiro e queda.

Acordei na manhã seguinte com a algazarra dos três pescadores que só falavam alto e rindo, se preparando para sair e pescar eu tentei ver às horas, meu celular apagado. Vesti-me rindo de como dormira, Pelado que nem Adão na verdade talvez tenha ajudado, estava me sentindo bem descansado e animado com o dia que já estava fazendo calor. Fui ao banheiro e esvaziei a bexiga, depois lavei o rosto e bochechei água para tirar o gosto do sono, mania de peão de trecho, só escovar os dentes após a primeira refeição do dia, eu olhei minha cara feia no espelho, não estava tão feia, mas alguns fios de barba brancos misturados com amarelo estavam salientes mesmo assim tomar café primeiro seria uma boa pedida.

Fui dali direto para a cozinha e não havia ninguém lá, olhei sobre o fogão, o bule de café estava cheio, nisto entrou a menina loura filha do Joel:

sem mais seu Joel, afinal ele era mais novo do que eu. A menina disse: - sente-se seu Miro, vou servir o café para você, ri pra dentro do jeito simples dela falar: *me chama de seu e depois de você*. Bom dia Neusa, para mim não precisa muita coisa, de manhã geralmente só tomo um cafezinho, ela como se tivesse cometido uma gafe disse: - desculpe nem lhe dei bom dia, respondi: sem problemas a culpa é minha por levantar tarde, ela riu e trouxe o café e foi colocando guloseimas na mesa, broa de fubá, bolo, mamão, bananas, leite queijo, aí apelei: - pare Neusa, só vou comer um pedacinho de broa, ela falou - se quiser então você pega aqui, olhei um tanto de coisas cobertas por uma toalha branca e respondi que estava certa.

Acabei comendo três pedaços de broa, que delícia, comi meio mamão raspado com uma colher, tomei café e comi uma banana, um almoço completo pela manhã. Pensei: tenho de me cuidar, estão me achando um sessentão bonito e se eu me descuido engordo e adeus velhote lindão... Como diz minha amiga Jeane Diogo: Se bem que ela não diz velhote, pelo contrário diz: - “menino lindão”, coisa boa esta menina gente. Aliás, todos do Recanto das letras são pessoas maravilhosas e como diz a poetisa Sonia de Fátima, o recanto é o meu divã onde encontrei estes amigos que eu amo e onde posso escrever meus sonhos e poemas. É! Recanto das letras é isto, um local onde podemos fugir da realidade, abraçar a fantasia e viajar nos pensamentos, tosquiando nuvens como se fossem ovelhas, apagar e ascender o brilhos das estrelas, visitar a lua, nos emocionarmos com a arte dos amigos que passam para o papel suas sensibilidades e sonhos. Onde vivemos nossas verdades e encontramos um lenitivo para as nossas dores, colhemos sonhos e plantamos jardins que vão embelezar nossa mente e perfumar nossa alma e coração.

Voltei ao quarto peguei os apetrechos de barba e escova de dente e me enfiei no banheiro, por quase meia hora, fiz tudo certinho e calcei meu par de botas katepillar presente ainda dos meus tempos de peão e que estava nova e gostosa, saí para o pátio, os três pescadores já tinham partido, cumprimentei os presentes e Joel disse: - seu Miro, pedi a ele me chamar só de Miro e esquecer o seu, ele riu e concordou. - Miro vamos pescar? Respondi que sim e Marta disse: - vou também, Joel rebateu: - até que enfim, pensei que ia embora sem pescar, ela respondeu: - agora tem companhia, a indireta era para o belo homem louro de olhos azuis e charmosos, ou seja, modestamente “eu”, mas me fingi de mouco e fui pegar minhas traíás de pesca que deixara na varanda, ela também pegou uma carretilha e me perguntou se eu tinha muitos anzóis, claro, todos que precisar, perguntou se eu tinha isca artificial respondi e abri a caixa de pesca, pode escolher, ela era entendida, pois pegou a isca certa e disse que ia pegar um tucunaré gigante, ri e Joel disse: - ria não, ela é danada de boa pra pescar eu pensei: *deve ser boa pra bem mais do que pescar*.

No barco estávamos em cinco, Joel seu filho Moacir Leo o garoto que aprontara um fuzuê para ser levado também e conseguiu graças ao meu pedido ao Joel, Marta e eu. Coube sentar-me junto a Marta, não se importava de encostar-se a mim, aliás, parece que às vezes ela forçava esta situação, foi divertido pescamos numa ilhota de pedras muito charmosa e Marta me fez carregá-la até às pedras para não molhar os pés, ainda bem que era magrinha, senão o velho caipira tinha ficado mal, na ilhota ela ficou o tempo todo perto de mim, sentamo-nos em uma elevação de pedra mais alta como um banco tosco de pedra e numa vez que o Joel se aproximou de nós e ela estava distraída com o anzol, ele me deu uma cotovelada e esticou o beíço para o lado dela, minha vontade era rir, mas tive de segurar a barra.

Posso estar desatualizado em relação às maravilhosas, mas não esqueci quando uma mulher está jogando charme para cima de um homem, procurei não pensar nisto, não estava muito a fim de meter-me numa aventura com nenhuma mulher, mesmo sendo um pedaço de mau caminho como aquela fêmea que parecia estar no cio. Quase que para desmentir minhas certezas, ela descansou o braço em cima da minha perna e comentou: - isto aqui já foi muito melhor de peixe, ano passado eu peguei um tucunaré grande nesta ilha e agora nem um beliscão. Falei a guisa de resposta: devo ser eu com meu azar, nunca pesco nada, lá em casa quando venho pescar já acham que só vou pra farra, ela não deixou por menos e chasqueou: - vai ver que pensam na musica, que pescar que nada, vou beijar na boca, riu como gosto e também ri, afinal era para isto que eu estava ali, recuperar meu juízo e minha liberdade de pensamentos livres nos sonhos para fugir da realidade.

Não pescamos muito, Moacir é quem salvou o passeio pegando um pacu de mais de três quilos, nós pescamos uns pias médios e eu fisguei uma arraia pequena, Joel não me deixou tirá-la do anzol, e lidou com o peixe dizendo que se eu tomasse uma ferroada do bicho, ele teria de me levar para o hospital, voltamos na hora do almoço. Os três amigos já tinham almoçado e se desculparam, pois, iam sair de novo e se retiraram, ficamos em quatro no refeitório, já que Joel e os filhos almoçavam na cozinha.

Tinha me servido nas panelas em cima do fogão de lenha sentei-me numa das muitas mesas do galpão de refeições. Logo a seguir Marta serviu-se e perguntou se podia se sentar comigo, claro respondi, por favor, é um prazer, ia bancar o cavalheiro para puxar a cadeira para ela, e a ouvi dizer descansando o prato sobre a mesa: - não se incomode aqui é lugar de pescar, cada um se vira. Sentei-me de novo, e eu caipira que sou, não como educadamente, eu devoro a comida, Tive de me comportar e entre uma garfada e outra eu mais respondia às suas perguntas do que fazia.

Fiquei sabendo que ela morava em Goiânia e se ofereceu se voltasse na próxima semana com a filha e o noivo de me trazer um carregador para o celular, agradei, pois, não funcionava, já que não tinha sinal e depois eu voltaria na terça feira para Belo Horizonte, ela disse: - vai não, se eu voltar não terá ninguém com quem eu conversar aqui, aqueles pescadores ali, fez um sinal com a parte de baixo da boca torcendo graciosamente o bem feito nariz para indicar os três amigos que aprontavam a trais de pesca na varanda e falavam alto contando as brincadeiras das pescarias, são uns grossos, aquele careca veio me cantar dei-lhe uma má resposta ele não se aproximou mais, eu pensei: *Menos mal, que ela não quer ser cantada não estou mais para aventuras e com tanta atenção eu já estava acreditando que ela estava a fim de algum Love, até tinha pensado antes, que na hora que ela se apresentou, eu estava só de short sem camisa e se ela estava interessada é por que os vinte e oito quilos que emagreci tinham me deixado mais para bem do que mal.

Terminamos de almoçar e ainda ficamos conversando um pouco mais até decidirmos nos levantar, ela saiu do restaurante comigo e na varanda continuou conversando e de vez em quando segurava meu braço quando contava alguma coisa meio engraçada, aquilo me estava encucando, perguntou por que eu estava ali sozinho e eu disse: - Estava precisando pensar um pouco e quando me acontece eu gosto de procurar a natureza e colocar as ideias em ordem. Ela disse: - eu também! Estou saindo de um casamento e estava precisando respirar um pouco, peguei o carro e vim pra cá, cheguei semana passada, amanhã volto, pois, prometi a minha filha de buscá-la e ao noivo. Ano passado estive aqui, eu ainda estava casada e gostamos muito, ela vai se dar bem, mas eu vou ficar sozinha, seu Joel é bom de papo, mas a Lena é cara fechada e os meninos... Criança não dá para conversar! Olhe vou escovar os dentes, depois falamos mais, respondi que estava bem e que eu faria o mesmo e depois ia pescar um pouco.

Quase perguntei se ela queria ir, mas a prudência me mandou fechar a boca. Eu estava aposentado das aventuras desde há alguns anos e acho que fiquei meio receoso de não saber mais como lidar com as maravilhosas, escovei rapidamente os dentes peguei o molinete e alguns lambaris que trouxemos da pesca da manhã e me mandei para a beira do rio, a sombra melhor estava na prainha de areia branca, toda a margem onde tinham poços melhores estavam sem árvores e o sol estava de rachar mamona, resolvi ficar por ali mesmo, joguei o anzol bem longe, finquei a vara deixei-a lá e subi uma falésia de uns três metros, ao longe vi uma plantação de girassóis, achei tão lindas que resolvi ir até lá, não era longe acho uns trezentos metros.

Não havia cerca, e caminhei um pouco entre à plantação, que lindo tudo aquilo, havia uma grande pedra no meio da plantação, sentei-me um pouco, sentindo o perfume e quase que como recebendo ordens, meus

pensamentos voaram... Uma imagem de uma jovem garota caminhando entre flores silvestres e carregando uma sesta cheia delas me veio à mente, talvez lembranças de algum filme... De repente a imagem tomou forma entre os pés de girassóis, uma linda garota de vestido verde jovem ainda, mas talvez moldada pelos meus pensamentos, tinha a aparência de uma mulher madura, mas tão linda quanto uma princesa criada em sonhos. Seus cabelos loiros se misturavam com a enorme quantidade de flores amarelas dos girassóis, ela me olhava e sorria e num gesto gracioso com às mãos e sussurrando entre o sorriso de belos lábios médios me chamava para ela. Caminhei em sua direção, mas ela não estava mais ali, riu um riso cristalino e reapareceu noutra lugar, comecei a segui-la sem alcançar, sempre se afastava quando eu tentava abraçá-la, sumia e ficava rindo até reaparecer novamente, o longo pio de um gavião me trouxe de volta daquele momento mágico.

Fiquei um pouco assustado com aquela visão, será que eu estava enlouquecendo? Eu não havia dormido, meus pensamentos criaram aquela imagem e de tal forma perfeita que eu tinha à nítida impressão de ser real. Não gostei de ter-me autossugerido tais pensamentos, queria me livrar dos sonhos, não criá-los. Refiz o caminho de volta e antes de descer o barranco dei uma olhada para o belo quadro dos girassóis, não vi mais a imagem da moça, sorri um sorriso bobo e me virei para o rio.

Desci e me recostei ao pé da grande árvore copada e fiquei pensando na vida e até me esqueci da pesca. De repente um espaldar de água me chamou a atenção, quatro botos de enorme tamanho invadiram a área, recolhi a linha rápido, o senhor Joel tinha me falado que sempre eles apareciam ali para pescar, não pensei que teria a sorte de ver isto, enquanto três deles começaram a nadar em círculos no local que formava uma espécie de lago no rio, um nadava dentro do círculo acredito, desnortando os peixes que os outros cercavam para não fugirem, de repente ele nadou direto para a beira da prainha e veio junto na frente dele grande quantidade de peixes de todos os tipos, ele ia abocanhando o quanto conseguia, e depois como algo pré-combinado foi nadar em círculos e veio outro para o centro repetindo a manobra, desta vez na frente veio um enorme dourado e saltou mais de três metros fora da água caindo quase aos meus pés onde eu estava imobilizado pela beleza do que eu via, abaixei-me e peguei o peixão pensando em jogar para o grandão que olhava com uns olhinhos pro nosso lado acho que esperando o dourado voltar à água, olhei para o dourado que peixe lindo, falei sério como um bandido assaltando, pode ir embora, já perdeu este é meu, ele se afastou movendo a cauda para trás até conseguir se virar e eu fiquei com o peixe dele, me sentindo meio culpado, mas ao mesmo tempo me divertindo com o mal feito, para me desculpar pensei: *ele ia virar comida mesmo, o peixão que pegue outro*, e foi o que aconteceu repetiram a manobra até se fartarem ou diminuir os peixes e subiram o rio, graciosamente com as

barbatanas fora da água, me lembrei de agradecer ao grande pai por não me deixar morrer sem ver aquele espetáculo da natureza.

Voltei para o acampamento com o peixão e entreguei para o Joel que me elogiou pelo pescado, todos menos os três pescadores que tinham saído de barco vieram ver o peixão de mais de oito quilos, aí contei o que aconteceu, e o Joel me disse que sempre acontecia, acharem peixes na areia depois que os botos pescavam, fiquei ali pensando ainda: *que beleza seria morar o resto dos meus dias num lugar assim há se eu fosse filho do prefeito, papai do céu me ajudasse e eu tivesse muita grana, não queria mais saber de cidade*. Não vi Marta, imaginei que estivesse dormindo, fui para à sombra dos pés de caju frondosos, mas sem frutos estiquei-me numa rede das muitas espalhadas por ali e alguns bancos toscos de madeira também.

Fiquei pensando e de novo meus pensamentos voaram para certo lugar que eu ainda nem conheço, mas já tinha visto pelo Google Earth, me perdi nas sendas dos sonhos e uma dor misturada com melancolia, uma saudade de não sei por que e pela primeira vez tive medo da minha derrota, tantas eu tive na minha vida, mas nunca uma assim tão difícil de entender que me fazia perder a vontade lutar mais por qualquer coisa que valesse a pena.

Quatro horas, calor da peste, eu na rede e mergulhado em pensamentos triste. Nisto chega Elaine mulher do Eduardo que estavam curtindo lua de mel, estava com um short curto e uma blusinha estampada e sandálias leves e coloridas nos pés. Fiquei até agradecido por ela interromper minha solidão, afinal o que me acontecia era mais uma batalha e se não podia vencê-la, poderia pelo menos aprender a conviver com ela.

- Oi Miro sombra gostosa hem, posso ficar aqui perto com você? – Claro deite-se nesta rede aí: - não, vou deitar nesta perto de você posso? Pode sim, cadê o maridão? Ela deita-se e coloca um par de pernas que parecem torneadas pra cima e vira a cabeça de menina da cidade pro meu lado e desanda a falar: - aquele frouxo filho da puta ta dormindo e quer que fique naquele calor lá junto com ele. Mas, caramba não estão ainda em lua de mel? - Que lua de mel Miro? Nós fomos para Paris e este projeto de homem tinha medo de sair à noite por que tem ladrão, de dia por que não conhecia Paris e tinha de sair com o merda do guia que ele contratou, na Itália foi pior, eu já tava a fim de dar pra um italianinho do hotel, mas o bundão não saía do meu pé.

Pensei um pouco antes de perguntar de novo, o que eu tinha ouvido já tinha me dado um nó na cabeça, casamento atrapalhado estes de hoje... Apesar de achar que assim é melhor, pelo menos às maravilhosas estão no mesmo patamar do macho. Mesmo assim arrisquei: Que pena a Europa é

linda e nesta época já tem neve, não gostou por quê? - Porque eu gosto é de sol, mas os parentes deles deram a viagem eu boba aceitei. Só passei raiva, quando voltei eu queria me divorciar e meus pais entraram no meio e continuo casada há mais de três meses, ainda bem que em S. Paulo reencontrei minha galera e meti chifre neste viadinho, aí não aguentei e cai na risada, ela riu também e falou você deve achar que eu sou doida, quer transar comigo Miro?

Caramba, acho que fiquei vermelho e fiz um bicão respondendo e perguntando ao mesmo tempo atarantado no meu jeito caipira: Ieu? Ela falou: - brincadeira me desculpe, é que estou com uma puta raiva de não ter me divorciado dele, ainda caí nesta de vir pra cá, disse que queria vir pra gente transar no meio do mato, pensei que aqui ele ia virar homem, mas o babaca não entra no rio porque tem medo de pisar em arraia, não entra no mato com medo de onça, pulei pelada no rio com a família do seu Joel ele perguntou pra eles se lá não tinha crocodilos, gritei pra ele ir à merda e se não fosse a família estar toda lá eu tinha agarrado aquele gato filho da Lena as vista dele. Eu estava de boca aberta com aquela doidinha linda e sem freio na boca bem desenhada.

De onde estava, vi o futuro divorciado sair do chalé e falei: Elaine o maridão está vindo, agora ele te pega! Nesta hora acabei rindo. Olhem eu ficando pra frente com a menina, logo eu que aposentei os meus dotes há tanto tempo! Ela respondeu na tampa da binga: - Se ele quiser tá fudido! Toco punhêta, mas não dou pra ele. Pensei... *Gente, esta já é do cão e vai para o inferno com corpo e tudo. Ri da minha besteira, não acredito nisto. Aliás, em que eu acredito... Ainda não descobri. - Boa tarde seu Miro! - Boa tarde Eduardo. - Minha pombinha esta te amolando aí? - Não, estávamos conversando... Ele chamou: - Benhê, vamos ver o por do sol lá na beira do rio? - Vamos: respondeu Elaine. - Mas só vamos voltar à noite. - tá bem, mas na hora que os mosquitos começarem a picar, a gente volta. Saíram, ela sendo arrastada pela mão e me olhou, depois pra ele e botou meio palmo de língua de fora. Voltou seu olhar novamente para mim, deu uma gargalhada soltando a mão dele correndo e gritando, vamos lá molenga, corre! Falei baixinho, Jesus tome conta deste povo.

Uma hora depois, se tanto, estavam de volta e justo na hora que dona Lena acionara o sininho do jantar. Marta foi rápido ao banheiro, e ao voltar sentou-se numa cadeira em mesa isolada, cheguei ao refeitório e fui me servir, ela veio também e nos servimos juntos com ela me perguntado se a carne era de pato de casa ou selvagem, eu não sabia e perguntei-lhe qual a diferença? Ela respondeu:- carne de casa é mais sadia não? Respondi, depende, criado em granjas pode até ser, mas aqui, comem tudo o que acham e os selvagens tem uma alimentação balanceada e sem os nossos vícios e remédios e todo tipo de

coisas que usamos. Ela concordou e pegou uma asa dizendo - vou acreditar. Sentamos na mesma mesa e ela não parou de falar, depois saímos para a varanda e a lua no primeiro dia caminhando para cheia estava aparecendo linda e cativante. Despedimos-nos e eu disse que hoje iria fazer serenata para lua e tomar umas biritas.

Depois da higiene peguei o violão e a viola, o litro de pinga novo, já que o outro tinha acabado e fui me sentar no banco de madeira, bem longe da habitação e perto das redes, menos de cinco minutos Marta veio, sentou-se bem pertinho de mim, eu estava com a viola e tinha riscado o dedo nas cordas que era uma viola barata, mas de som maravilhoso, ela elogiou o som e praticamente deitou-se no meu ombro dizendo: - como é lindo este instrumento, então esta que é viola caipira? – É sim respondi, este é o que nos faz companhia, os caipiras como eu, nas horas tristes, alegres e de solidão... Ela recostada em mim passou o dedo nas cordas e disse: - me ensina? É tão gostoso. Pensei com meus botões: *acho melhor ensinar o Leo que não me deixa sossegado, do que ensinar esta aí que é capaz de ouvir só piano em casa nem sei como o Leo não apareceu ainda*. Pensei nisto acho que de certa forma desejando por mais companhias... O velho Leão estaria com medo de mulher? Lembrei-me de Eloi e sorri se estivesse ali ai de mim. Toquei e cantei uma música que fiz recentemente e se chama: Bom dia Amor, quando terminei ela suspirou e disse: - linda é sua? Respondi que sim e voltei a pontear a viola.

Ela levantou o rosto devagar, parece que saboreando aquilo, um perfume discreto e suave entrou pelo meu nariz, não gosto de perfumes, mas aquele era agradável, me deixou meio mole, ela encostou o rosto e seus cabelos bem cuidados roçou minha cabeça, aproximou os lábios queimando do meu rosto e não beijou, só encostou e foi descendo em direção à minha boca, ai, ai o meu amigo de baixo se manifestou no mesmo instante, apertei o safado com a viola, e xinguei no pensamento: * seu metido, vai se entregando assim sem mais nem menos? Nem conhece a vamp. Ela ia me tacar o beijo, eu com reações meio apagadas, se fosse em outros tempos eu já a tinha arrastado para o canto mais escuro sob as árvores e crau.

Nisto ouvimos um raspar de garganta e vimos Joel e Lena se aproximando, ela fez que nem namorada quando o pai pega no pulo, afastou-se rápido. Joel já veio falando - bonito o som da viola, a Lena queria ouvir de perto, tem problema? De jeito nenhum, comecei a pontear a viola e daí a pouco os três pescadores que chegaram vieram para o local trazendo um isopor com cervejas já meio altas, das que tomaram na pescaria. Nilton o careca perguntou se podiam se juntar a nós, claro respondi e se souber cantar musica caipira melhor ainda, Jorge respondeu: - eu sei puxe aí, viu o litro de Rosa Mineira e emendou, posso molhar a palavra primeira? À vontade

respondi é pra tomar mesmo, Lena disse também quero e Marta falou: - se Lena tomar eu também tomo, Lena encheu o copinho e virou encheu de novo e passou para Marta que não se fez de rogada virou de uma vez, eu brinquei riscando na viola e cantei: - cantador quer beber. Aí me deram um copinho, virei à moda dos outros e passei o copo para o Joel.

Acho que naquela noite os bichos estranharam tanta cantoria, o Nilton era o mais farrista e como tocava o violão, acompanhava todas as musicas que pedíamos, saiu desde musica moderna, como caipira e as modas antigas de Nelson Gonçalves e eu até me arrisquei a cantar uma música do Vicente Celestino e depois pegando o violão cantei malaguenha, saiu até bem, mais de meia noite e ninguém arredou o pé de lá, Neusa, novinha, mas danadinha de menina da voz linda, Moacir e o pequeno Leo também se juntaram na farra. Leo acabou dormindo no colo de Joel que carinhoso o embalava nas pernas, momentos para não se esquecer de nunca mais a imagem.

Por fim todos acharam que era hora de ir para o ninho, os pescadores e Moacir saíram na frente, às mulheres seguiram em seguida e eu carregando viola e violão e Joel carregando o garoto e o litro de cachaça que estava quase vazio fomos atrás, Joel me falou: - e aí Miro, não vai aproveitar que esta morena esta coçando a perseguida? Eu disse: não Joel, estou desatualizado e depois ela vai embora amanhã. - Do jeito que ela tá é só você pedir que ela ficará aqui, antes de você chegar ela não estava nem falando com ninguém, levantava dava umas voltas de manhã, almoçava se esticava na rede e a tarde dava mais umas voltas e ia dormir cedo, depois que viu o Miro, não sai mais do seu pé, fale com ela pra ficar sô. Eu respondi: não Joel eu nunca forço ninguém a nada, cada um que tome suas decisões, neste ponto é cada um por si e Deus por todos. Ele falou e repetiu: - é tá certo, tá certo mesmo.

Aproveitei para desviar o assunto e perguntei: - Joel, estamos na piracema e estes três aí pegaram uma tonelada de peixes, como vão levar? Ele respondeu: - Miro, estes três são comerciantes em Aruana, não vende nem um peixe, comem tudo em churrascos com os amigos, eles vem quatro vezes por ano às vezes mais... Perguntei e a fiscalização? - Que nada Miro, eles chamam até os fiscais para beber e comer nos churrascos deles, o caminho para eles é livre. Eu disse: podia levar meu dourado, qualquer coisa eu falava que quem pescou foi o boto, ele emendou, e não vai levar? Já tá no ponto, tirei a barrigada dele e dos outros e vou colocar num isopor pra você, mas e a fiscalização? - Não tem problema eu aqui posso dar nota de vendas até dezembro, como sendo peixes pegos antes da piracema, - não sei Joel respondi, vamos ver, mas eu nem vim para pescar, só queria ver mato e rio. Você quem sabe, se deixar aqui vou vender e aqui é trinta e cinco reais o quilo de dourado, pois é proibida a pesca, - então como vai vender? - Eu também

sei os caminhos respondeu: dourado de mais de oito quilos, dá para eu fazer a compra pra dois meses, eu disse: então pode vender, não vou levar.

Despedimos-nos, guardei as coisas e fui tomar um banho, voltei ao quarto e me deitei pelado, a temperatura estava agradável. Deixei os pensamentos soltos e talvez por efeito do álcool que tinha tomado, não muito, mas o suficiente para alterar a química, eu me estiquei na cama e comecei a pensar nela, nos últimos dias de felicidade constante e nas muitas vezes que nos amamos, com a loucura de adultos parecendo adolescentes e sem um porque convincente acabou, simplesmente acabou, pensei nos seus lábios médios e que ela fazia ficar ardentes quando entrava no cio, neste instante fui interrompido, pois, bateram delicadamente à porta, pensei e agora o que será? Peguei a toalha de banho que estava sobre a cadeira enrolei na cintura e fui abrir a porta. Abri e ela a linda Marta entrou rápido fechando a porta atrás de si girando a chave, Com uma camisolinha transparente acima dos joelhos uma calcinha de cor vermelha com florzinhas cor de rosas e sutiã da cor da calcinha visão de fazer anjo virar demônio. Como uma fera me abraçou e começou a me beijar com tanta fúria que: bem, apaguei a luz e...

Dormi muito pouco pra variar; Quando acordei tinha sobre meu quadril uma coxa morena e linda e pensei: * esta mulher... Não deu tempo de terminar o pensamento, ela acordou, perguntou as horas eu respondi são seis e dez! Pois, a danada me agarrou de novo e lá fomos nós, seis e quarenta ela falou tenho de correr, ela se levantou vestiu a calcinha vermelha com florzinhas rosa e abriu a porta devagar, depois deu uma olhada para ver se não tinha gente no corredor, fechou de novo voltou e me agarrou me enchendo de beijos e se foi de vez.

Há Leão James Bond hem gente, êta nóis, pescada é assim: tem de saber contar mentiras.

Tive de tomar um banho para tirar a inháca, me vesti e fui para a cozinha, ela tinha acabado de sentar-se, eu desta vez não esperei ela me convidar e me sentei na mesma mesa que ela. Também, não podia ser diferente. Após o café ela se despediu de todos, Moacir já tinha colocado as malas dela na Rilux, quando se despediu de mim, não se esqueceu de me recomendar para ligar pra ela na hora que eu chegasse a Goiânia para ela ir ao aeroporto, prometi que o faria e ela toda sestrosa entrou no carrão ainda recebendo a recomendação do Joel de como passar no riacho sem problemas, ela deu um último olhar para mim e fez um biquinho e levando a mão a boca me soprou um beijo. Joel olhou para mim e disse: - Se deu bem em seu Miro. Apenas ri; O que eu podia fazer mais?

Os três pescadores se despediram e me convidaram para visitá-los em Aruana, aceitei para outra vez que voltar lá, pois, desta vez não ia dar. Foram

embora, não posso dizer que meus amigos, mas companheiros de pescaria. Após o almoço o casal Eduardo e Elaine também se despediram e Elaine me abraçou carinhosamente agradecendo pela noite do violão e me deu um selinho, achei legal, nunca tinha ganhado um selinho antes. Eduardo também se despediu cordialmente, mas fiquei de olho, vai que ele cisma de me dar selinho também, eu hem? To fora.

Pronto só fiquei eu e a família do Joel no camping, Joel me chamou, Miro vamos dar banho nas minhocas, respondi que sim e desta vez fomos só nós, fizemos um longo passeio rio acima até passar por Aruana e chegamos às praias já famosas no mundo, ilhotas de areia e barracas de acampamento por todo lado e mulheres lindas e homens crianças, parecia uma cidade dentro do rio, Joel manobrou o barco por todas as ilhotas e perguntou se eu estava gostando, respondi que sim e ele disse:

- Todo sábado eu venho aqui por colírio nos olhos, às vezes trago o Moacir, mas aquele moleque meu é muito devagar, ta namorando uma ribeirinha, hoje vai pra lá e só volta segunda. Eu gritei pra ele: Quer melhor do que isto? – Ele respondeu vai casar logo, se eu tivesse a idade dele não me casava é nunca.

Voltamos para os poços que ele conhecia e conversando e pescando, quando assustamos era mais de cinco horas, retornamos chegando ao camping à noite, dona Lena estava no ancoradouro e puxou a corda que Joel lhe jogara amarrando no tronco da árvore. Perguntou:

- cadê os peixes? Joel tirou a miussáias que pegamos e chasqueou:

- Hoje é sábado, estão de folga, ela respondeu:

- pode ir tratar deles porque o Moacir pegou o outro barco e já se mandou a Neusa já tomou banho e o Leo disse que tá de dor de barriga...

- Ele disse? Pode deixar que eu cuido dos peixes. Eu me ofereci para ajudar e ele disse:

- não Miro, pode ir tomar seu banho pra gente jantar, ainda tem da pinguinha boa? Respondi que sim e ele foi cuidar dos peixes e eu para o banho.

Depois do banho, fui ao refeitório, e às panelas estavam na cozinha, Joel já estava jantando e me chamou: - Miro, nós nem pusemos comida aí, pode se servir aqui mesmo ou tem problema? Nenhum Joel, vou pegar a pinga. Voltei ao quarto e trouxe o último litro, abri e dona Lena já veio com uma xícara estendida, enchi a vasilha e Neusa perguntou, posso experimentar? Perguntou pra mim, eu ia falar o que? Pode se seus pais deixar... Só um pouquinho respondeu Lena, esta se ficar de fogo sai de baixo, apronta de tudo.

Jantamos e eu saí para a varanda, à lua estava muito bonita, mais ainda não cheia. Nesta noite apenas sentei-me numa poltrona de couro bem antiga, mas macia e confortável e fiquei repensando minha vida, o que vale a pena: viver, sonhar, sofrer e amar ou apenas deixar o tempo levar nossa tão pequena existência já que não sabemos aproveitar nossa vida em toda à sua essência? Procuramos por coisas sem sentido nos aglomerando em cidades e respirando ar poluído, gastando energia num esforço constante pensando o ter e esquecendo o verdadeiro sentido da felicidade, o viver em harmonia com a natureza, aproveitando esta riqueza e este espaço que ainda temos disponível e que um dia quando os nossos cabelos perdem a cor, nossos pés ficam cansados nós descobrimos o quanto é valiosa e que aí é muito tarde para tentar, pois, o tempo nos engoliu e comeu nossa energia e vontade.

Joel veio se despedir e resolvi entrar e dormir, era cedo ainda, vinte horas no máximo, mas me sentia cansado e insatisfeito com sentimentos confusos como se fosse culpado e não entendendo qual era minha culpa. Após a visita ao sanitário, deitei-me e desta vez não dormi nu, não deixei meus pensamentos voarem desta vez, apenas me lembrei de uma mulher e retive sua imagem no pensamento para que dormisse na minha mente e nem tive de apelar para o meu sonífero especial de ir ao espaço, dormi em seguida e sonhei com a moça dos girassóis.

Acordei com o cantar dos primeiros pássaros, talvez pelo silêncio do dia anterior eles tivessem se aproximado mais do Camping, permaneci deitado ouvindo e tentando adivinha qual o pássaro que piava, o bem-te-vi, o canário da terra, um sabiá, e logo uma mistura de tantos sons que me levantei e abri à janela, o dia começava a clarear, fui ao banheiro e depois vesti minha roupa e me dirigi à cozinha, Dona Lena tinha se levantado e acabara de coar café, tomei uma xícara cheia e comi um pedaço de bolo e não quis mais, agradei à senhora e saí dizendo-lhe que ia caminhar um pouco, não o fiz, sentei-me à barranca do rio e fiquei extasiado com tanta beleza à media que o sol ia iluminando tudo, tanta vida, tanta beleza me emocionou, pensei mais uma vez em como nós os humanos somos tolos de aprender a viver no paraíso e nos contentarmos com tão pouco na nossa passagem pelo tempo que nos é concedido.

Quando clareou caminhei um pouco na margem do rio, acho que andei mais de dois quilômetro prestando atenção em tudo o que se mexia, num local onde se via uma pequena clareira de areias brancas vi algo que lamentei não poder tirar uma foto, o que eu via eram duas enormes cobras amarelas e pretas, praticamente enroladas uma na outra e se equilibrando com as cabeças a um metro do chão, não estavam brigando, pensei que estivessem dando uma pela manhã, mas eu não podia afirmar, poderiam estar se esfregando para a troca de peles, à tarde o Joel me confirmou que estavam é tranando mesmo.

Como logo à frente começava uma floresta ainda não derrubada pelo

homem andei um pouco mais e me aproximei de novo da margem do rio, vi seis carcaças de pirarucu, ainda cheias de sangue, quem os matara aproveitou apenas a carne deixando os corpos inteiros. Eram peixe grandes dois deles com mais de dois metros de comprimento, meu coração ficou pequenino, abaixei e peguei algumas escamas que estavam soltas, coloquei no bolso da calça e retornei ao Camping.

Quando cheguei o Joel estava pronto para sair, perguntou se eu queria ir a Aruana, pois ia fazer compras agradei, mas disse-lhe que ia tentar escrever um pouco. Ele respondeu que deveria demorar bastante, e teria que andar um bocado por lá, se eu quisesse pescar chamasse o Leo que ele sabia de poços bons. Neste momento um ronco de um barco se fez ouvir e dentro em pouco acostou no ancoradouro, era o Moacir a noiva e uma guria que certamente nos ainda velhos costumes acompanhava à irmã para não deixa-la fazer bobagens, ri do que pensei: *isto não existia mais nem na roça, mesmo no passado a gente comprava os moleques encarregados de vigiar sempre às mocinhas, homens eram livres, os vigias se vendiam em troca de algumas balas doces*.

A garota do Moacir era simpática e brincalhona, de estatura pequena, mas bem dimensionada de corpo, magra e linda como todos os jovens o são, gostei dela. Fui pro meu quarto e escrevi até na hora do almoço, estava tão absorto no que escrevia que o Leo bateu e como não respondi, ele abriu a porta que não estava chaveada, pediu desculpas, que lindo aquilo, educação de casa com certeza, antes de sairmos ainda perguntou se podia mexer na viola, aproveitei para lhe ensinar às posições de sol maior e por ele ficávamos sem almoço, garoto inteligente, aprendia com rapidez tudo o que eu ensinava. Fui almoçar e depois resolvi ir para a prainha pescar, Leo queria ir, mas Lena não deixou, pois, teria de lavar a pocilga e fui sozinho.

Não estava com vontade de pescar, fiz como pescador preguiçoso finquei a vara na areia, tirei os chinelos e resolvi experimentar à temperatura da água, escolhi uma parte onde a água mais profunda não chegava a molhar meu short atravessei esta parte mais profunda e fui para o banco de areia, coisas do que se vê no Araguaia, uma ilha de areia e um pequeno rio cortando-a ao meio, que coisa linda, creio que este riacho tinha uma média de oitenta metros, comecei a caminhar por ele, a água alcançava meus joelhos.

Parei ainda no início fiquei observando um bando de guarás voando sobre o rio, e me lembrei dela, ela iria gostar disto, se estivesse ali, meu coração ficou pequeno, quase que por mágica apareceu a figura da mulher loura ao meu lado, segurou minha mão rindo e fomos caminhando juntos na água soltou minha mão e forçou à passada e se voltou para mim, rindo e me jogando água, caminhamos assim brincando de um molhar o outro, depois me

abraçou, e voltamos a caminhar, paramos e ela me abraçou de frente e me beijou, um longo beijo, perverso beijo, me ascendeu e me soltando voltou a andar depressa, se voltava e me jogava água, eu a seguia, queria mais carinho, mas ela rindo, fugia. O sonho acabou de maneira brusca quando mergulhei na parte profunda do rio, assustei-me de verdade.

Já havia cinco anos que não me arriscava em águas profundas devido a quase ter morrido no rio São Francisco ao tentar atravessá-lo e ter uma câibra violenta numa das pernas, saí desta vivo por sorte, e por não me apavorar, mas daí pra cá não me arrisquei mais na água. Felizmente me afastei apenas três metros na água profunda e com algumas braçadas retornei ao local seguro, a mulher sumiu e eu voltei à margem e após esperar no sol até o short perder um pouco da água voltei à sombra da grande árvore e sentei-me deixando meus pensamentos passear na imaginação de sonhos possíveis ou apenas fantasiosos e impossíveis.

Estava quase dormindo acho, de repente a voz da Neusa estridente me chamou a atenção, olhe para o local de onde vinha o grito, ô seu Miro, não vai nadar com este calor? Acenei que não e ela simplesmente puxou o vestido pela cabeça e que visão mais linda de menina nua e sem pudor, não usava nada por baixo, jogou o vestido na areia e mergulhou da parte mais alta da margem, parecia uma sereia, sim, mesmo eu não tendo visto nenhuma, a imaginei assim, uma sereia, nisto a algazarra foi geral, veio o Moacir a noiva o pequeno Leo a menina e todos tiraram a roupa e gritando me chamavam para ir nadar com eles se atirando nas águas daquele lindo Araguaia. Fiquei olhando aquele espetáculo maravilhoso, sem sentir culpa de olhar, em nenhum momento eu senti que havia pecado em mim, senti sim que aquilo era que deveria ser o normal para o resto da humanidade.

Nisto aparece dona Lena passando bem perto de mim e perguntando:
- Seu Miro não vai nadar? Respondi não dona Lena, eu entrei lá um pouquinho, mas me dá câibras e eu tenho medo Ela se afastou uns dez metros de mim e virada de costas começou a tirar a roupa, não acreditei, fiquei olhando e desta vez sem pecados, mas com o olhar crítico, ela era cheinha sem ser gorda, a Bunda dela era grande e projetada para traz, pensei como meus botões que o Joel tinha culpa no cartório, ela se virou de frente para mim e voltou a gritar vamos para água seu Miro, pude vê-la de frente, a perseguida era cabeluda e os seios não tão caídos, mas olhava rapidamente sem parar o olhar, ri e ainda consegui balbuciar que não. Saiu correndo e pulando no rio e jogando água por todo lado. Fiquei ali olhando aquele quadro único pintado nas águas daquele Araguaia.

FINAL

Fiquei ali curtindo as brincadeiras daqueles humanos tão puros nas suas convicções simples sem complicar a vida e até meus pensamentos estavam agora voltados apenas para aquela forma de viver. Quem escreve, sempre tem na cabeça um mundo só dele, às vezes ele o divide com outros pensantes como ele, mas é apenas sonho e este viver destes humanos não é sonho, é real e se houvesse realmente deuses para cobrar nossos pecados, certamente deles não cobraríamos.

Moacir saiu, vestiu seu short e veio até onde eu estava e a pergunta foi à mesma, por que eu não pulava na água, ri da pergunta e respondi e perguntei por minha vez se eles faziam isto sempre? Ele respondeu que quando tinha muita gente no Camping Joel os proibia, mas agora só tinha eu e eu era de casa. Falou e foi se encontrar com os outros que iam caminhando e subindo a rampa em direção a casa e alguns se vestindo enquanto caminhava. Fiquei pensando que nunca me senti tão lisonjeado como naquele instante que o rapaz me disse simplesmente que: “eu era de casa”. Confesso que meus olhos se encheram de lágrimas, quanto realmente valia aquele gesto, quantos poemas e histórias estavam embutidos naquele verso sem rima, mas saído do coração? Não procurei resposta, achei que para tê-la eu teria de aprender a viver de novo.

Recolhi a linha e subi, fui direto para o quarto e voltei a escrever, mas não por muito tempo de repente achei que não valia a pena escrever, peguei a toalha e fui para o chuveiro, demorei no banho e quando saí, Joel tinha regressado, me vesti e fui ter com ele, ficamos proseando até na hora do jantar, depois ele me convenceu a dar uma volta de barco para tentar ver alguma onça na margem, não tivemos sorte, vimos capivaras, quatis, jacarés, mas onça nada.

Acho que ele só queria mesmo matar a saudade de ter passado o dia sem pescar e rever seus lugares preferidos. Retornamos cedo e ainda tive tempo de pegar a viola e ensinar o pouco que sabia para o Léo. Acabei tocando e cantando algumas músicas na varanda para aquela plateia maravilhosa e “de casa” Dormi esta noite com o coração leve, acho que agora estava pronto para voltar a ser o Trovador alegre e brincar com meus amigos do recanto sem achar que a vida perdera o sentido. Acordei cedo e de novo com o cantar dos pássaros, Joel já estava de pé e ele é quem fizera o café, já

foi logo me chamando para pescar e claro, concordei, era meu último dia e queria aproveitar tudo.

Foi um dia de aprendizado, subimos de barco e Joel o encostou à uma parte onde o rio fazia um pequeno canal tipo de igarapé. Era perto da floresta e passamos perto dos corpos dos pirarucus apodrecendo ao sol, ele não falava, abaixou-se examinou as carcaças e com um nó na garganta me mostrou os buracos de balas nas cabeças dos bichos, dizendo entre manifestações de raiva que eram caçadores clandestinos que matava tudo o que aparecesse para vender a carne em restaurantes que as serviam para turistas.

Entramos na mata e ele foi falando os nomes das arvores pela trilha, víamos muitos pássaros e pequenos animais, cutias e pacas, perguntei se ele caçava, ele respondeu que sim, de vez em quando matava um ou outro cateto ou paca para ter carne em casa, mas não para vender. Neste dia aprendi mais sobre natureza do que em toda vida, também aprendi sobre apreciação de pessoas quando confia na gente, Joel brincava e conversava comigo como se tivesse me conhecido à vida toda.

Voltamos a casa para almoçar e me surpreendi com as palavras da dona Lena perguntando se ele tinha me falado sobre voltar ali? Ele simplesmente disse: - eu até esqueci: Miro, é o seguinte, você já contou um pouco da sua vida e aposentado como disse não ganha muito, como você é brancão que nem nós, quando quiser vir distrair um pouco, Você telefona direto pra cá, esta porcaria de telefone daqui alguns dias virão consertar, poderá ficar aqui quanto quiser, só vai ajudar um pouco no dinheiro para comprar comida se os patrões perguntarem eu falo que é um parente nosso combinado? Caramba, fiquei sem palavras para falar, só pude dizer obrigado e que com certeza eu voltaria. Que coisa gente, cada uma que acontece para provocar nossas emoções, se o coração estivesse fraco acho que teria um pitipaque.

Voltamos ao barco e fomos pescar descendo o rio, alguns lugares bem selvagens ainda e de beleza indescritível pela quantidade de vida no rio e nas margens, de vez em quando ele encostava o barco e entrávamos na mata ora para ver alguns pés de coco cacheados ou olhar ninhais mais de perto. Da próxima vez eu vou me equipar de máquinas para registrar tudo, desta vez foi para sossegar os sentimentos, mas se puder haver outra vai ser para viver aquele mundo de verdade.

Voltamos à noite para casa, nem pensei em viola nesta noite, matamos o litro da rosa mineira e cama, deitei-me e apaguei, sonhei, mas não me lembro dos sonhos mudavam de um para outro cenário com tanta rapidez que eu não me lembrava de nada ao acordar.

Não me levantei cedo, mesmo tendo acordado com a algazarra dos pássaros fiquei de preguiça na cama deixando os pensamentos soltos, acabaram-se às mágoas, estava tudo certo com o Trovador. Sabia agora como lidar com meus percalços e aceitar meus desatinos sem ter que necessariamente desistir de lutar pelos meus sonhos.

A hora da despedida não foi triste, mas uma despedida com a certeza que eu voltarei logo que eu puder. O pequeno Léo me falou choroso:

- agora o senhor vai embora, quem vai me ensinar a tocar viola? Abri a capa do violão e tirei um encordoamento novo de viola e um dos dois afinadores que sempre carrego, e disse: você aprendeu a afinar, e para trocar as cordas quando precisar peça ao Moacir ou a Joel para ajudar e cuide da viola, é barata, mas é ótima de som e vai dar para aprender, quando eu voltar só vou tocar o violão viola é contigo. Ele não sabia o que dizer, Joel tentou argumentar, mas desistiu ao ver a alegria do menino desistiu, dona Lena despediu-se de Mim recomendando que quando eu voltasse era para levar a família, Neusa me abraçou dizendo; - vai com Deus seu Miro e vê se volta logo. Moacir já tinha se despedido cedo junto à noiva e a menina que ele fora levar para casa.

Entramos na caminhoneta e acenei para aquelas quatro criaturas de Deus confesso que com vontade de chorar coisa boa estes sentimentos. No início da jornada viajamos calados, apenas até passar o córrego da ponte caída, depois o Joel começou a falar e não parou mais, principalmente de reafirmar a toda hora que iria me esperar assim que reabrisse a pesca. Por incrível que pareça Elói estava nos esperando no posto. Quando nós chegamos ele me encheu de perguntas e perguntou a Joel se eu tinha me comportado, Joel aproveitou para dizer que ele me salvara a vida umas três vezes, mas que no resto tinha sido tudo bom nos despedimos com um abraço e sem falar, ele entrou na sua caminhoneta e acenou partindo, eu fiquei com a sensação de perda, ou sei lá saudade antecipada.

A viagem para Goiânia foi ouvindo às peripécias do meu amigo falando até dos lances eróticos com a Sara e dizendo que devia ter ido com ele, ela estava com uma amiga de vinte anos doida para achar uma companhia para um rala e rola, eu ri e perguntei para ele o que eu faria com uma menina de vinte anos, tá doido Elói?

- Que isto Leão, hoje não tem mais disto não cara, as meninas tão querendo é rola. Eu encerrei o assunto xingando ele de pervertido e sem juízo. Fez-me contar até da morena no acampamento e insistindo para eu ligar para ela, eu disse que não e o sacana respondeu então me passe o telefone dela? Não, não dei e até na hora de entrar para a sala de embarque ele ainda me cobrou o telefone da Marta, cara sacana meu.

Quero deixar meus agradecimentos ao meu amigo Elói e sua família, e principalmente à família do Joel, que me ensinou tanto, e para quem eu peço ao grande Pai não deixar suas imagens de tanta pureza sair da minha mente e ao mesmo grande Pai me permita voltar a vê-los. Obrigado senhor Joel e família.

Então é isto minha gente algumas coisas a mais eu me reservo o direito de ficar calado, afinal estou contando só sobre a pescada.

